

O fim do progresso?

É quase certo que retrocesso nos EUA tenha efeitos cascata globalmente

Por Joseph Stiglitz

Valor 24/01/2025

Trinta e cinco anos atrás, o mundo passou por uma mudança histórica com o colapso do comunismo. Francis Fukuyama chamou esse momento, de forma célebre, de “o fim da História”, prevendo que todas as sociedades acabariam se convergindo para a democracia liberal e economias de mercado. Hoje, é quase um clichê observar o quanto essa previsão estava errada. Com o retorno de Donald Trump e seu movimento MAGA, talvez devamos chamar a atual era de “o fim do progresso”.

A maioria de nós toma o progresso como garantido. Mas deveríamos nos lembrar que os padrões de vida de 250 anos atrás eram pouco diferentes do que há 2.500 anos. Somente com o iluminismo e a revolução industrial obtivemos melhorias que definiram a modernidade.

Os iluministas reconheceram que a experimentação científica e a busca por inovações poderiam ajudar a entender a natureza e criar tecnologias transformadoras; e que as ciências sociais poderiam possibilitar uma coordenação mais eficaz nos esforços para melhorar as condições para todos. Tais esforços exigiram que o Estado de Direito substituísse o absolutismo, que o respeito à verdade prevalecesse sob o obscurantismo e que o conhecimento especializado nos assuntos humanos fosse valorizado. Entre as características mais perturbadoras do MAGA está sua rejeição total a esses valores.

O progresso poderá continuar? Assim como os soviéticos conseguiram lançar o Sputnik, poderemos ver Trump e seus seguidores liderarem notáveis avanços no espaço e na inteligência artificial (IA). Mas poderemos esperar que a nova oligarquia dos EUA promova avanços sustentados e compartilhados? Os que estão no poder atualmente são motivados exclusivamente pela busca de riqueza e não têm escrúpulos em acumulá-la. Eles já demonstraram sua engenhosidade para promover seus interesses privados por meio da manipulação e desinformação.

O que diferencia a corrupção ao estilo americano de hoje das formas passadas é sua escala e descaramento. A ideia de enfiar notas de US\$ 100 em envelopes parece pitoresca em comparação ao que temos agora. Os oligarcas podem “contribuir” abertamente com milhões de dólares para a campanha de um político em troca de favores. O empréstimo de US\$ 465 milhões, sem contrapartidas, que a Tesla recebeu do governo Obama 15 anos atrás, parecerá uma ninharia ante ao que está por vir.

O progresso requer investimentos em ciência e uma força de trabalho educada. No entanto, em seu primeiro mandato Trump propôs cortes tão drásticos no financiamento a pesquisas que até mesmo seus colegas republicanos hesitaram. Eles mostrarão a disposição de resistir a ele desta vez? Em todo caso, o progresso ainda é possível quando as instituições responsáveis pelo avanço e transmissão do conhecimento estão sob ataque? O movimento MAGA não deseja nada mais do que derrubar as instituições de “elite” onde grande parte das pesquisas de ponta são realizadas.

Nenhum país pode realmente prosperar se grandes parcelas da população sofrem de deficiências na educação, saúde e alimentos nutritivos. Nos EUA, cerca de 16% das crianças crescem na pobreza, o desempenho geral nas avaliações educacionais internacionais é

mediocre, a desnutrição e a falta de moradias se tornaram generalizadas e a expectativa de vida é a mais baixa entre as economias avançadas. O único remédio é mais e melhores gastos públicos. No entanto, Trump e seus oligarcas estão empenhados em cortar o orçamento o máximo que puderem. Fazer isso deixaria os EUA ainda mais dependentes da mão de obra estrangeira. Mas os imigrantes, até mesmo os altamente capacitados, são um anátema para o MAGA.

Embora os EUA tenham liderado por muito tempo os avanços em ciência e tecnologia, é difícil imaginar como isso poderá continuar sob Trump. Vejo três cenários possíveis. No primeiro, os EUA enfrentem seus problemas estruturais, rejeitem o movimento MAGA e reafirmam seu compromisso com seus valores iluministas. No segundo, os EUA e a China continuam seguindo em direção ao capitalismo oligárquico e ao capitalismo estatal autoritário, respectivamente, com o resto do mundo ficando para trás. No último cenário, os EUA e a China mantêm seus rumos, mas a Europa assume a bandeira do capitalismo progressista e da social-democracia.

Infelizmente, o segundo cenário é o mais provável, o que significa que precisamos considerar por quanto tempo as crescentes deficiências dos EUA permanecerão administráveis. A China possui vantagens massivas no desenvolvimento de tecnologia e IA, graças ao seu enorme mercado, vasta oferta de engenheiros e o compromisso com o planejamento de longo prazo e a vigilância abrangente. Além disso, a diplomacia da China em relação aos países fora do Ocidente têm sido mais bem-sucedida do que a dos EUA. Mas, é claro, nem a China nem um EUA trumpista estão comprometidas com os valores que impulsionaram o progresso desde o final do século XVIII.

Tragicamente, a humanidade já está enfrentando desafios existenciais. Os avanços tecnológicos nos deram os meios para nos destruirmos, e a melhor maneira de evitar isso é por meio do direito internacional. Além das ameaças representadas pelas mudanças climáticas e as pandemias, agora também temos que nos preocupar com a IA não regulamentada.

Alguns vão argumentar que, embora possa haver uma pausa no progresso, os investimentos passados em ciência básica continuarão rendendo retornos valiosos. Além disso, os otimistas podem acrescentar que toda ditadura em algum momento acaba e a história segue em frente. Um século atrás, o fascismo tomou conta do mundo. Mas isso levou a uma onda de democratização, com os movimentos de descolonização e dos direitos civis enfrentando a discriminação racial, étnica e de gênero.

O problema é que esses movimentos bem-sucedidos avançaram apenas até certo ponto, e o tempo não está a nosso favor. As mudanças climáticas não vão esperar. Os americanos poderão desfrutar de um progresso contínuo na forma de prosperidade compartilhada, baseada em educação, saúde, segurança, comunidade e um meio ambiente limpo? Duvido. E o fim do progresso nos EUA terá efeitos em cascata globalmente? É quase certo que sim.

Ainda é cedo para saber quais serão as consequências completas do segundo mandato de Trump. A história, de fato segue adiante, mas pode deixar o progresso para trás. **(Tradução de Mário Zamarian)**

Joseph Stiglitz, ex-economista-chefe do Banco Mundial e ex-presidente do Conselho de Assessores Econômicos do Presidente dos EUA, é professor na Universidade Columbia, ganhador do prêmio Nobel de Economia. Copyright: Project Syndicate, 2025.

www.project-syndicate.org